

Dívidas aqui e lá fora

Tarcísio Holanda

Externa

O presidente Fernando Collor viaja aos Estados Unidos, dia 18 de junho, quando as relações do Brasil com os norte-americanos ainda navegam em águas turvas. O Governo dá sinais de que deseja remover os embaraços que comprometem razoável relacionamento com os EUA, mas tudo indica que ainda persistem alguns obstáculos bastante significativos.

O contencioso é muito grande, como é público e notório. Além do constrangedor problema da dívida externa, ainda pendente de uma solução de médio e longo prazos, os Estados Unidos alimentam sérias dúvidas quanto ao êxito do plano de estabilização de Collor, protestam contra a posição de seu governo em relação a marcas e patentes e têm dúvidas sobre as nossas reais intenções referentes a uma política definitiva para o setor de informática.

Esse é um dos maiores fatores de atritos, especialmente a reserva de mercado. O parecer do deputado Aloísio Vasconcelos (PMDB-MG), aprovado mediante acordo com o Governo, acabou eliminando a prorrogação da reserva de mercado, considerada intolerável nos círculos norte-americanos, e as restrições às **joint-ventures**.

Os norte-americanos conferem grande importância a uma lei que reconheça marcas e patentes, o que já obtiveram do México e da Argentina. Há projeto tramitando na Câmara, de autoria do deputado Luís Henrique (PMDB-SC), que é repudiado pelo Governo e as grandes empresas dos EUA, como o próprio Presidente teve oportunidade de saber no almoço com a Câmara Americana de Comércio.

Além das dívidas, aqui dentro e lá fora, sobre o êxito real da política econômica do Governo, os altos círculos oficiais e privados dos Estados Unidos não têm disfarçado seu despreço pela lentidão com que é executado o programa de privatização em nosso País. Até agora, só a Usiminas entrou no processo, aproximando-se de um desfecho depois de mais de um ano.

O principal obstáculo é o saneamento econômico-financeiro, sobre o qual pairam sérias dúvidas entre os economistas de todas as posições e na sociedade. A expectativa era de inflação ascendente, antes da demissão de Zélia Cardoso de Mello do Ministério da Economia, e não mudou. De Delfim Netto a Aloísio Mercadante, todos os economistas esperam uma recidiva do processo inflacionário e, portanto, uma crise, no segundo semestre.

O economista Francisco Lopes, um dos inspiradores do tristemente frustrado Plano Cruzado, deu uma longa entrevista, publicada em jornal paulista ontem, preconizando a aplicação pelo Governo brasileiro do programa posto em prática por Domingos Cavallo, na Argentina, que **dolarizou** toda a economia. Uma proposta que nasce da convicção de que sempre viveremos, com a Argentina, o efeito Orloff.

O Presidente aceitou a cabeça de Zélia para vencer resistências internas e externas ao estilo autoritário da então ministra de comandar controvertido tipo de política econômica. Com isso, criou condições para viajar aos Estados Unidos, mas ainda não eliminou sérias dúvidas que pairam ali, como, de resto, internamente, em relação ao sucesso da política, que, fundamentalmente, continua em prática.